

PUC

MARÍA SILVIA GARCÍA FERNÁNDEZ HANNA

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES AO CONCEITO DE
INSTINTO DE MORTE NA TEORIA
FREUDIANA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 31 DE AGOSTO DE 1982

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

Alguns aspectos da...

Cham. 150 H243 TESE UC

Título Algumas contribuições ao conceito de instante de morte na



Ex.1PUCB

0114310

BC - PUC

DOAÇÃO

MARÍA SILVIA GARCÍA FERNÁNDEZ HANNA

"ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES AO CONCEITO DE
INSTINTO DE MORTE NA TEORIA
FREUDIANA"

Dissertação de Mestrado apresen-
tada ao Departamento de Psicolo
gia da Pontifícia Universidade'
Católica do Rio de Janeiro, co-
mo parte dos requisitos necessá-
rios para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Orientador: Esther Frankel

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1982

78006



150
H 243
TESE UE
OK

BT - 3535 - 7

Meus Agradecimentos,

a Esther Frankel, orientadora da dissertação, pelo apoio e confiança depositada;

aos Professores do Mestrado de Psicologia, pela co laboração;

ao CAPES, pela ajuda financeira recebida durante o curso e,

a Gilda R. Watkins, por sua colaboração na tradu -
ção.

A Gerardo, Valéria
e Bruno

RESUMO

O trabalho consiste na análise do conceito de Pulsão de Morte, seus antecedentes e suas conseqüências dentro da obra freudiana.

Realizamos uma leitura nos textos de Freud, articulando a contribuição de outros autores sobre o tema, com a finalidade de esclarecer a noção.

RESUME

Ce travail est une analyse du concept de pulsion de mort, sus antecedents et leurs consequences dans l'oeuvre freudienne.

Nous avons fait une lecture de plusieurs textes de Freud, en articulant avec elle la contribution d'autres auteurs sus ce thème-là pour éclaircir la notion de pulsion de mort.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I

A Primeira Divisão das Pulsões 3

CAPÍTULO II

1920

Ano da Postulação da Pulsão de Morte 12

CAPÍTULO III

Masoquismo e Pulsão de Morte 25

CAPÍTULO IV

As Pulsões, o Ego, o Superego e o Id 36

CAPÍTULO V

A Civilização e a Pulsão de Morte 43

CAPÍTULO VI

A Palavra e a Pulsão de Morte 49

CONCLUSÃO 53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

BIBLIOGRAFIA 57

INTRODUÇÃO

Por que a escolha do assunto?

São perguntas que respondem a essa pergunta que dá origem a esta tese. Os motivos da escolha são muitos, isto quer dizer que nosso trabalho está sobredeterminado. Esses motivos vão desde experiências ou situações vividas ou imaginadas até um aspecto teórico-prático.

Por que as pessoas se deixam morrer as vezes?

Por que a repetição de atos e atitudes que tem a ver com uma auto-destruição muito exacerbada?

Por que as guerras?

Por que a repetição do desprazer?

E finalmente por que Freud postula o conceito de pulsão de morte?

Essa última questão relacionada com as anteriores nos produzem um interesse muito grande para entrar dentro de cada artigo, de cada texto da obra freudiana; pensar os conceitos de Freud e articulá-los com idéias de outros autores.

Nosso objetivo é humilde no sentido de que esse estudo a que nos propomos será o início de futuros trabalhos para aprofundamento do tema.

Pretendemos ir e voltar através da obra freudiana todas as vezes que acharmos necessário para a melhor colocação da pulsão de morte. Os antecedentes e as conseqüências da postulação serão considerados por nós de extrema importância para entender a necessidade teórica do conceito.

A prática analítica não está em referência direta nem com a morte nem com a vida em si. A morte ou a vida são significantes que aparecem dentro do discurso do paciente.

De que morte esta-se falando? A morte biológica ou outra que se inscreve em outra ordem?

No artigo Totém e Tabu encontramos a morte, a morte do pai como uma ponte para a humanização; uma passagem do ser vivo ao ser humano. Ser humano que possui um significante para nomear essa morte; que tem conhecimento da morte, que faz poema sobre ela e que pensa a respeito.

Deixamos nosso lápis deslizar tentando dar uma forma àquelas idéias que surgiram ao longo desse espaço de tempo que nos tem ocupado o presente estudo. Não desejamos deixar de lado as dificuldades que apareceram nesse trajeto, que foram muitas e, que são inerentes à morte em si; a própria morte como Freud escreveu no seu artigo sobre a guerra e a morte em 1919: "Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte", frase a qual Jacques Lacan acrescentou: ... "a morte do outro".

A entrada desse personagem "morte" na teoria freudiana resulta um pouco enigmático; assim como outros conceitos; ligada à linha do negativo estava excluída dentro da obra freudiana devido provavelmente à influência do pensamento filosófico que privilegia a "natureza bondosa" do homem. Esta influência não aparece em relação a outros conceitos.

A partir de 1920 se constituiu como um lugar de muita importância na teoria.

Vamos prosseguir com a definição dos conceitos e a postulação do primeira tópica.

CAPÍTULO 1

A PRIMEIRA DIVISÃO DAS PULSÕES

Diferenciar os conceitos instinto e pulsão é uma das primeiras necessidades que surgem em nosso trabalho. A palavra "TRIEB" em alemão provém de TREIBEM, e quer dizer impulsionar, empurrar. Instinto é de origem latina, provém de "instinguere" e significa incitar.

Seus significados não discordam; até poderia-se pensar em um certo paralelismo.

Segundo o Dicionário de Psicanálise de Laplanche - Pontalis, a acentuação na palavra está dada numa orientação geral e não numa finalidade fixa ou determinada. Muitos autores utilizam os termos de maneira indistinta.

A tradução que pensamos ser mais adequada aos caracteres descritos por Freud sobre TRIEB é o termo pulsão. É por isso que adotaremos esse termo em nosso estudo, e deixaremos a palavra instinto para os comportamentos pré-fixados pela herança.

Só a partir de 1905, no livro "Três ensaios", aparece o termo pulsão sexual; tendo já aparecido em outros com diferentes denominações, tais como excitações, idéias afetivas, estímulos endógenos.

No Projeto, Freud diferenciou dois tipos de excitações: as externas e as internas, estas últimas sendo de vital importância, por-

que seriam o motor do funcionamento do aparelho psíquico. Seriam a fome, a respiração, a sexualidade etc.

A definição de pulsão é: "Processo dinâmico consistente num impulso que faz ao organismo tender a um fim. Sua origem é uma excitação corporal (estado de tensão), seu fim é suprimir esse estado de tensão que está na fonte pulsional e é através de um objeto que atinge o fim" (Vocabulário de Psicanálise).

"De morte" nos marca com esse segundo significante, que desejamos recolocar dentro da obra de Freud. Nem a vida nem a morte constituem uma referência direta para a prática analítica.

Jean Laplanche questiona se essa morte deve ser considerada em uma dimensão ética ou explicativa. É da morte real que Freud fala ou é de outra ordem? São perguntas que colocamos e tentaremos pensá-las.

A morte comparece em poucas ocasiões nos artigos de Freud, assim como toda a problemática ligada a ela, que seria a destruição do outro e de si mesmo, ou seja, a agressividade, o ódio.

No percurso dos textos o ódio só aparece como par antitético do amor e para definir a problemática da ambivalência. Existe um impasse em relação a esses conceitos que estariam do lado do negativo, do ruim do homem contrário à natureza bondosa do homem que era sustentada pelo pensamento filosófico e político social do ocidente.

Foi preciso que passasse um tempo para que se pudesse pensar com mais liberdade nesses problemas. As pulsões sadomasoquistas e os aspectos sádicos das fases prégenitais têm uma presença intensa em muitos textos e, em muitas ocasiões en

tram em contradição com os postulados ou hipóteses freudianas.

As pulsões, vai dizer Freud, são os elementos mais importantes e mais obscuros da pesquisa psicológica.

No ano de 1915, o artigo "Os instintos e suas vicissitudes" nos dá uma visão bastante clara do que o autor pensava nessa época. Tomando-o como base para compreender os desenvolvimentos que se prosseguiram e apontaremos aquilo que achamos importante.

O primeiro modelo pulsional dividia as pulsões em:

1. Pulsões de autopreservação ou do ego
2. Pulsões sexuais

A aparição das primeiras, as situamos no artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão. As pulsões do ego eram identificadas com a autopreservação e poderiam ter uma função repressiva. Estariam sempre em oposição às pulsões sexuais ou libido.

Torna-se primordial organizar e diferenciar as pulsões.

A base dessa divisão é a tradição mítica dos opostos fome e amor.

Esse dualismo, característica importantíssima da obra freudiana, permite-nos pensar na origem da sexualidade humana. Primeiramente aparecem as pulsões de autoconservação e, a partir delas, e nelas, é que surgem e se apoiam as pulsões sexuais. O aparecimento das pulsões nos mostra o processo de erogeneização do corpo - é assim que a sexualidade se apoia nas

bordas do corpo que cumprem funções biológicas (boca, ânus).

Criam-se, então, dois campos: o das pulsões sexuais e outra de tendências não sexuais. Essa divisão é meramente uma construção auxiliar para ajudar a entender e explicar fenômenos psíquicos.

Parece-nos interessante ressaltar a posição do autor em relação a dita hipótese, cujas palavras repetiremos:

"Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos do ego, ou autopreservativos, e os instintos sexuais - mas essa suposição não tem status de postulado necessário, como tem, por exemplo, nossa suposição sobre a finalidade biológica do aparelho mental; ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil; e pouca diferença fará aos resultados de nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra".

"É sempre possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (em especial das psiconeuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais".

A leitura desses parágrafos nos indica que Freud deixa em aberto a possibilidade de mudar a idéia e revela, como diz Strachey, uma certa inquietação, abrindo um espaço para a mudança que acontece em 1920.

Segundo Jacques Lacan, Freud se mostra como um bom epistemólogo, não suportando nenhuma STARRHEIT, nenhuma fascinação das definições.

A partir das neuroses Freud consegue isolar as pulsões sexuais e conceituá-las. Não acontece o mesmo em relação

às pulsões do ego. O exame minucioso sobre os termos que são utilizados na definição da pulsão ocupa a primeira parte do artigo de 1915. O termo DRANG é sinônimo da exigência de trabalho que representa. É o impulso. Lacan ressalta que a pulsão não é impulso, como aparece no dicionário antes citado, já que TRIEB não é o DRANG.

... "A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante"... (1)

A finalidade ZIEL é a satisfação que é obtida através da eliminação do estado de excitação na fonte da pulsão.

A satisfação é chegar a seu alvo.

Para J. Lacan a satisfação é paradoxal e põe em questão o que é da satisfação.

... "A partir de agora, todos aqueles que aqui são psicanalistas devem sentir até que ponto eu trago aí o mais essencial de acomodação. É claro que aqueles com quem temos que tratar, os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com o que são. E, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, depende da satisfação. Eles satisfazem algo que vai sem dúvida ao encontro daquilo com o que eles poderiam satisfazer-se, ou talvez melhor, eles dão satisfação à alguma coisa".

O que é que eles satisfazem? (2)

Pelas vias do desprazer (sintomas) e respeitando o princípio do prazer.

O alvo é atingido mas produz, ao mesmo tempo, uma in satisfação.

..."O caminho do sujeito - para pronunciar aqui o termo em relação ao qual sõ se pode situar a satisfação - o caminho passo entre duas muralhas do impossível".

Os dois parágrafos citados põe em julgamento a possibilidade de satisfação. Ela se apresenta como sendo da ordem do impossível.

O objeto (OBJEKT) é o qual ou através do qual, a pulsão é capaz de atingir seu alvo.

O objeto é o mais variável da pulsão; as pulsões sexuais se caracterizam pela facilidade com que substituem um objeto por outro.

Jacques Lacan acrescenta que ele é indiferente, não tem nenhuma importância porque provavelmente o seio (objeto) deve ser revisado por inteiro quanto à sua função de objeto.

A fonte (Quelle) é o processo somático que ocorre em determinada parte do corpo ou órgão. As zonas erógenas (boca, ânus) são retomados por Jacques Lacan pelo fato de se diferenciar do resto do corpo por sua estrutura de borda.

"São essas bordas a fonte e a partida de uma certa pulsão". (3)

São quatro as vicissitudes das pulsões sexuais citadas por Freud:

a. Reversão a seu oposto

- b. Retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo
- c. Repressão
- d. Sublimação

Interessa-nos retomar a primeira vicissitude, já que fala sobre a reversão do conteúdo e, o exemplo é a transformação do amor em ódio.

Esse caso recusa-se a entrar dentro do esquema dos instintos. O ódio aparece como par antitético do amor.

O amor e o ódio não possuem estatuto de pulsão. O amor, para Freud, é a expressão da tendência sexual total.

É a partir do ego e sua história que tenta descrever os impulsos de destruição e ódio a ele.

No começo da vida mental o ego está catetizado com as pulsões e é capaz de satisfazê-las em si mesmo. Essa fase é denominada de narcisismo. A satisfação é auto-erótica, estando referida às pulsões sexuais, já que as do ego não são capazes de realizá-las.

Assim sendo, as pulsões do ego perturbam o estado narcisista e preparam o avanço a um estado objetal.

O mundo externo vai se fazer necessário para o prosseguimento da vida, ou seja, para a satisfação das pulsões de autoconservação.

Inicialmente esse mundo é indiferente, ou as vezes, desagradável. O ego ama a si próprio e é indiferente ao mundo externo.

No entanto, a partir das sensações desagradáveis so-

fridas pelas pulsões do ego, resultantes de pulsões não satisfeitas, a aquisição de objetos do mundo torna-se inevitável.

A diferenciação entre objetos fonte de prazer e fonte de desprazer se realiza sendo introjetados os primeiros e expelidos os segundos.

O prazer é colocado acima de tudo; o ego do prazer divide o mundo em dois: agradável e desagradável. Projeta no mundo o desagradável e introjeta o bom. A partir daí criam-se duas equivalências ou coincidências. O sujeito do ego coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer.

O ódio atinge seu desenvolvimento na fase do narcisismo primário. Sendo assim, o ódio é anterior ou mais antigo que o amor, porque ele provém da repulsa inicial desse ego narcisista ou do prazer.

A vida da pulsão é comparada com as erupções de lava de um vulcão.

"Séries de ondas isoladas, homogêneas durante o período de tempo em que aparecem". (4)

A primeira erupção é inalterável, o que dá a idéia de uma marca ou cicatriz que permanece imutável através do tempo. Freud diz que não há desenvolvimento, quer dizer, não experimenta um amadurecimento de uma onda para outra. O que caracteriza cada uma delas é a diferença. A história de cada pulsão poderia ser obtida através de sucessão de ondas. É justamente a permanência dessas ondas que podem ser chamadas de fases das pulsões, que permitem o estudo das mesmas.

Outra questão de nosso interesse é ressaltar a perma

nência da hipótese sobre o funcionamento do aparelho psíquico, regido pelo Princípio do Prazer nesse artigo.

Segundo o desenvolvimento que temos feito, as tendências destrutivas e de ódio ficam sob o domínio do ego. No entanto, este ponto ainda não foi claramente estudado, e nos deixa uma porta aberta para novas revisões.

Observamos a dificuldade de conceitualizar e situar as pulsões não libidinais. Essa problemática ocupa vários artigos dentro dos anos de 1914 a 1920 e embora Freud tenha partido das pulsões sexuais, a definição ficou abrangente, restando-nos pontos de dúvidas e interrogações.

Em 1919, no artigo "O Estranho", o Princípio do Prazer, que era o que regia a vida psíquica, é posto em dúvida a partir de um impulso que, segundo Freud, pode dar a certas manifestações da vida psíquica um caráter demoníaco. Essa tendência aparece com muita clareza nas brincadeiras das crianças e no tratamento dos neuróticos.

Os destinos das pessoas, a transferência, faz supor a Freud a existência de uma obsessão de repetição que transcende o Princípio do Prazer.

Essa idéia vai se fortalecendo até chegar à definição de Pulsão de morte - que discutiremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

1920

ANO DA POSTULAÇÃO DA PULSÃO DE MORTE

A importância teórica desse momento dentro da obra freudiana nos deixa um pouco paralizados para discutir esse assunto. Várias vezes começamos este escrito sem ter possibilidades de continuá-lo, como se algo o impedisse.

A dominância do Princípio do Prazer era mantida até esse artigo como um postulado muito importante, todas as atividades da vida mental eram reguladas por esse princípio.

No primeiro capítulo de "Além do Princípio do Prazer" o autor diz que falar de tendência no sentido do Princípio do Prazer é mais adequado que dominância. O prazer se coloca dentro da linha econômica do pensamento freudiano.

Já em 1895, muitas das idéias que aparecem nesse artigo estavam presentes ("Projeto para uma psicologia científica") de maneira mais ou menos clara. O Princípio de Inércia Neurônica define como aquele que faz os neurônios se descarregarem da quantidade de energia; o antecedente do Princípio de Nirvana. Sua tendência é atingir o nível 0 de tensão. Acrescenta que desde o início o princípio é transgredido por outra condição, denominado o "aprêmio da vida" pelo qual o sistema neurônico é obrigado a abandonar a tendência à inércia (TENSÃO = "0") e tem de suportar uma acumulação de quantidade suficiente para cumprir as demandas de ação específica. O nível "0"

é substituído por um nível diferente de "0"; e constante. A energia que circula é de um tipo só.

O aumento da tensão provoca desprazer e a diminuição do prazer.

Observamos que esse princípio transformado tem muita ligação com o Princípio de Constância.

Parece-nos importante citar o seguinte parágrafo:

"Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do Princípio do Prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou pelo menos, por mantê-la constante".

Aparentemente, esse parágrafo mostra uma certa ambigüidade; por um lado aparece o Princípio do Prazer como sinônimo da tendência a 0 (...) e por outro lado como sinônimo do Princípio de Constância.

Levando em conta o princípio citado no Projeto, parece-nos que a tendência ao nível 0 é primária e a partir do APREMIO DA VIDA se instala outro princípio.

Jean Laplanche diz no seu capítulo sobre a Pulsão de Morte que a idéia de constância é introduzida num segundo momento, como uma adaptação ao Princípio de Inércia. Essa adaptação, segundo esse autor, revela que existe uma aparente continuidade da mesma tendência; fazendo um esforço constante por manter ao nível mais baixo a quantidade e de se defender contra o aumento.

Acreditamos que também pode-se pensar em uma descontinuidade, já que houve uma transgressão do princípio original.

O princípio da inércia neurônica é identificado com o processo primário, com a energia livre e com o Princípio do Prazer e a lei da constância corresponde à energia ligada e ao processo secundário.

... "Y es obvio que lo que en "Más allá del principio del placer se reafirma con el nombre de Nirvana es, precisamente la prioridad del cero. El desplazamiento del término del principio del placer no debe desorientarnos: El principio del placer, por el hecho de que a lo largo de todo el texto se lo enuncia siempre juntamente con su modificación en principio de realidad, se situa del lado de la constancia. Es su forma más radical, su más allá, la que, como principio de Nirvana, vuelve a afirmar la prioridad al cero absoluto o pulsión de muerte". (5)

Para esclarecer essas palavras, realizaremos um esquema:

ma:

19)

Tendência a nível "0"

Princípio do Prazer

"Aprêmio da Vida"

Princípio de Constância

Princípio de Realidade

29)

Tendência a nível "0"

Princípio de Nirvana

Pulsão de Morte

"Aprêmio da Vida"

Princípio de Constância

Princípio do Prazer

Ego Princípio de Realidade

De que ordem é esse aprêmio da vida?

Ele produz um corte, uma descontinuidade.

Teremos que considerá-lo ligado ao biológico, ao vital? A vida se apresenta como mediadora, catalizadora.

Não nos contenta pensar que a transgressão se produziria em uma ordem biológica. Se assim fosse, estaria fora do campo da psicanálise.

Reconhecemos que Freud, nesse artigo, permanece mais no campo da especulação, uma especulação sem freios, e o "biologismo" aparece com uma força incrível que por momentos nos deixa desconcertados. A leitura do mesmo é difícil, idas e vindas, arrependimentos e desmentidos são sua característica; existe, como escreve J. Laplanche, uma liberdade de procedimento que pode frustrar a quem não se identifique com essa atitude.

Os modelos biológicos e mecanicistas são as formas que Freud encontra a seu alcance para elaborar sua nova hipótese. Hipótese que já estava deste o Projeto, mas que aparece renovada.

Utilizaremos também alguns conceitos do autor Jacques Lacan para tentar rever as postulações do texto desde outra perspectiva. Para isto, introduziremos a fórmula que define o sujeito.

"O significante é o que representa o sujeito para um outro significante".

O sujeito através dessas palavras é mediatizado pela linguagem, e está irremediavelmente dividido, porque é excluí-

do da cadeia significante, ao mesmo tempo em que aí é "representado".

O ser humano é um efeito e não a causa do significante. Estas idéias nos remetem a origem do ser humano, produto do golpe de um significante que o marca. Essa origem se dá a partir de uma perda e de uma cisão. (O que se perde é o ser vivo em si).

Haveria um enlace entre esse nascimento do ser humano sobre o ser vivo, e essa transgressão do "aprêmio da vida".

É a morte do ser animal para dar vida ao ser que fala, ao ser cultural.

Vemos o surgimento do ego como uma forma catetizada a um nível constante, resultando assim a aparição dos processos primário e secundário.

É através das neuroses traumáticas das brincadeiras das crianças e da transferência no processo analítico que Freud pensa num além do Princípio do Prazer. A metáfora da "vesícula indiferenciada" é utilizada para mostrar como pode reagir o aparelho mental frente aos estímulos internos e externos. Um escudo protetor é formado para evitar grandes entradas ou irrupções de energia externa. Ele é formado por uma camada de células mortas cuja função será perceptiva e protetora. Frente aos estímulos internos (pulsões) não existem escudos protetores; devido a este fato, fica exposta a excitações internas muito violentas. A irrupção de energia no aparelho mental, seja vindas do exterior ou do interior, produzem um distúrbio muito grande que ameaça a integridade do sujeito. Este distúrbio é chamado trauma.

(O termo trauma é tomado por Freud da medicina e a cirurgia; provém do grego e significa ferida e deriva de perfurar. É utilizado como uma efracção). A entrada de energia no aparelho psíquico em estado livre e móvel põe fora de ação o Princípio do Prazer, obrigando-o a realizar a tarefa de ligar essa energia ou seja, transformá-la em energia ligada. Essa tarefa é considerada como primária e só depois de tê-la realizado aparece a dominância do Princípio do Prazer.

Os sonhos traumáticos têm como objetivo dominar, retrospectivamente esse estímulo que provocou a ferida; o trauma, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão ocasionou a neurose. O trauma se encontra relacionado com o susto, a surpresa, o acidente, principalmente com um acontecimento por acaso, que obriga ao sujeito a voltar a ele para tentar dominá-lo, independentemente da obtenção do desprazer.

Quem domina? Onde está o senhor para dominar? Qual é a instância que se entregaria a essa operação? (6)

Questões que deixamos em aberto para desenvolvê-las no capítulo da segunda tópica.

O funcionamento primitivo do aparelho psíquico permite pensar o que se passa nos sonhos traumáticos a um nível econômico. Se instala o Princípio primário para tentar ligar a energia.

A realização dos desejos sob o Princípio do Prazer, função dos sonhos é questionada com os sonhos traumáticos.

Freud diz que pode ter existido uma função original diferente, que foi substituída coincidindo esta com a transformação do Princípio de inércia ou a tendência a zero em Princípio de Constância.

A brincadeira da criança de dezoito meses que joga o carretel fora acompanhando-o com duas palavras: fort (fora) - da (dentro) numa tentativa de dominar a experiência de saída de sua mãe que produz uma impressão dolorosa e um exemplo da repetição de uma situação de desprazer. Esse dominar, segundo Freud, se dá com a passagem de passividade para atividade da criança.

Mas não é só isso; aqui aparecem dois significantes, duas palavras que simbolizam a ausência da mãe. As duas palavras numa cadeia, onde uma tem valor em relação a outra e que produzem, como efeito, a aparição do sujeito.

A repetição na transferência dentro do processo analítico não obedece ao Princípio do Prazer, existindo traços de memória reprimidos de experiências infantis que se encontram num estado que responde ao processo primário.

... "As manifestações de uma compulsão à repetição apresentam um alto grau de caráter ins - tintual e quando atuam em oposição ao princí - pio do prazer, dão a aparência de alguma força demoníaca em ação".

Essa repetição ligada às pulsões se traduz em que as mesmas possuem um atributo universal e que consiste em retor - nar a um estado anterior, porém historicamente determinado. A restituição de um estado anterior das coisas seria uma manifes - tação da inércia da vida orgânica. Essa volta será, em termos biológicos, um retorno ao inorgânico, onde está a estabilidade total; a morte. O objetivo da vida é a morte, a partir desse atributo das pulsões ... "tudo morre por causas internas", di - rá Freud no texto. Essa morte é a morte orgânica. Nesses ter

mos lembramos que nos seres elementais não existe resto mortal, porém não existe morte. A morte aparece ligada aos seres pluricelulares, onde existem divisão de células, e onde existe a sexualidade. A aparição da sexualidade se liga intimamente ao da morte no campo da biologia.

Voltando as pulsões, elas são denominadas por Freud ' como os guardiães da vida e os lacaios da morte; cuidam da vida mas ao mesmo tempo, servem à morte.

O atributo geral das pulsões é colocado em questão, as pulsões de vida são conservadoras porque trazem de volta estados anteriores da substância viva, mas operam contra o propósito das pulsões de morte que pretendem atingir seu objetivo da maneira mais rápida possível. É devido a isto que o ritmo da vida seria vacilante. Estabelece-se uma luta ou conflito permanente onde os opostos são grandes seres míticos, a vida e a morte.

A repetição e a repressão são relacionados nos seguintes parágrafos:

..."Aquilo que numa minoria de indivíduos humanos parece ser um impulso incansável no sentido de uma maior perfeição pode ser facilmente compreendido como resultado da repressão instintual, em que se baseia tudo o que é mais precioso na civilização humana"...

..."O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que constituiria na repetição de uma experiência primária de satisfação"...

A pulsão aparece ligada ou relacionada à repressão original, estabelecendo ao ser falante uma permanente procura de um ob

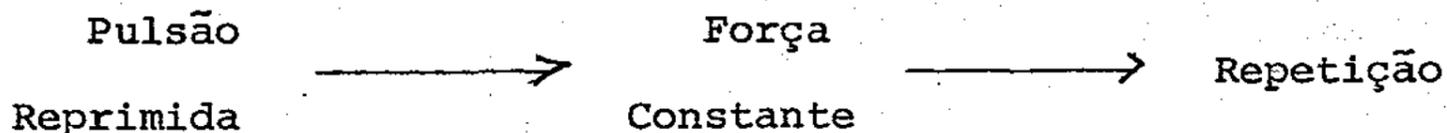
jeto que não encontra ou encontra mal, objeto perdido, mítico.

Retornamos outro parágrafo do autor Oscar Sawike do texto "As pulsões" que diz:

"La pulsión no se descarga, se articula con objetos de placer, esto quiere decir que la pulsión surge siempre disponible a moverse de una manera tal que su descarga sera imposible, si eso funcionamiento del lado de la necesidad. Es por esto que la pulsión es una articulación y no una descarga de energia".

A força das pulsões é sempre constante; é um estado estacionário. Nem as formações reativas, e substitutivas, como as sublimações, bastarão para remover a tensão da pulsão reprimida.

Temos por um lado



O fator que impulsiona a repetir a experiência de satisfação é justamente a diferença entre a satisfação exigida e a obtida. Essa diferença ou resto, que não possui representação, dá origem à repetição.

O paradoxo da satisfação foi levantado no capítulo anterior através das palavras de Jacques Lacan.

Nos perguntamos se a pulsão é incapaz de ser satisfeita; podemos considerá-la além da satisfação.

Por outro lado, a pulsão de morte pode ser considerada também como a única transgressão permitida ao Princípio do Prazer, quando Freud fala sobre o caráter demoníaco da repetição e

volta a um estado anterior independente do prazer.

Repressão, compulsão à repetição, trauma, são conceitos que foram introduzidos no texto relacionando-os com a Pulsão de morte.

Essa morte, que é questão de conveniência para alguns, luxo para outros, não é natural para os povos primitivos; é o verdadeiro resultado da vida para Schopenhauer. Essa morte que, dentro do campo da psicanálise, é um significante dentro de uma cadeia. Os três registros introduzidos por Jacques Lacan, o real, imaginário e o simbólico, só podem ser pensados na sua combinatória. Para os fins de ampliar nossa visão da pulsão de morte utilizaremos o conceito de real, deixando de lado, provisoriamente, os outros dois registros.

A definição do real é a seguinte: O real é aquilo impossível, aquilo que não pode ser evocado, senão como falta, o que não tem lugar na articulação significante, senão como seu apoio, e que é o nô que sustenta a sintaxis.

Repetição e real se acham relacionados intimamente.

Freud diz: "O paciente repete para não lembrar".

A repetição se dá em ATO!

Repetição e rememoração não são comutáveis nem reversíveis; existe um abismo que as separa, que é o real.

Os conceitos de Tuje e Automaton, do capítulo V da Física de Aristóteles, são retomados por J. Lacan para compreender a repetição. Tuje é definido por um "encontro com o real". Automaton como a função de retorno, de volta, da insistência dos signos, comandados pelo Princípio do Prazer.

A pulsão é um funcionamento que não terá um reencontro feliz, ela repete um impossível, procura um objeto inexis-

tente, é o desejo de um desejo e não desejo de um objeto, já que nunca será satisfeita.

O real está além das cadeias de significantes e a regra é a identidade de percepção; seu conteúdo é a morte e a castração como aquilo que perde o ser por ter nascido. Para se constituir como ser humano deve perder, ou seja, é só a partir dessa perda que deixará uma marca, uma falta que se pode pensar o ser sujeito do inconsciente.

Sócrates quando fala do sexo, ou seja, a origem da sexualidade e do amor, diz que ele se constitui quando um ser total perde uma parte. No livro o "Convite" de Platão, citado por Freud, no artigo nos introduz através do mito do ser Andrôgeno, que é dividido.

Pensando na fórmula do sujeito do inconsciente "Significante para outro significante". Esse significante implica a morte do puro ser vivo como tal, a condição para ser representado pelo significante. Diferentes nascimentos aquele do ser falante e do ser vivo, pode-se dizer que existe uma descontinuidade, que é justamente aquela transgressão que se produz do primeiro e primordial princípio. É a insistência da vida cultural que estabelece um sujeito dividido, barrado, com um aparelho psíquico dividido em instâncias.

A restituição da continuidade perdida implica na morte.

É só na repetição que tem um lugar de encontro com o real que escapa a articulação significativa mas que a sustenta.

O real é um obstáculo ao Princípio do Prazer e se diferencia por sua dessexualização e sua economia que admite'

a idéia de um impossível e que permanece em silêncio.

Silêncio que nos deixa perplexos, a pulsão de morte também é silenciosa, é esse personagem mudo que está presente. Referindo-se às pulsões de vida, Freud diz que elas estão sempre mais presentes. O silêncio, podemos colocá-lo num eixo de presença-ausência que mostra que sua ausência é uma forma de presença e que habita o discurso do ser humano e seus atos.

O postulado do Princípio do Prazer, como aquele que comanda tudo, sai de cena nesse livro, sem perder a força que o dito princípio tem. Opera-se uma transformação ao nível da racionalidade sem cair no seu oposto, a irracionalidade. O pensamento evolucionista é questionado, produzindo rupturas dentro dessa continuidade com um fim e meta a atingir.

O Princípio do Prazer é posto fora de ação para dar lugar a uma força independente que não consegue ser dominada, essa pulsão de morte, esse além.

Segundo Mosotta, o estatuto do real como real será aceito na medida em que os limites de nosso pensamento o permitir.

Nem tudo consegue ser explicado pelo Princípio do Prazer; a idéia do homem do prazer cai para pensá-lo como um ser carente, com uma falha originária que o marca para sempre. O texto questiona a racionalidade da época, totalmente influenciada pelo evolucionismo. Só se faz história a partir da sua reconstrução e ela consegue ser realizada através dos mitos.

As pulsões de vida e morte são esses seres míticos,

que formam parte de "nossa mitologia" e, como todo mito, ele possui uma parte ou algo de verdade.

As palavras de Lacan e Al Hariri (citado por Freud no artigo) para fechar este capítulo são ilustrativas de nosso pensamento em relação aos assuntos que nos ocupa:

"Eu digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda nunca se consegue. Dizê-la toda é impossível materialmente, as palavras faltam. É mesmo por este impossível que a verdade aspira ao real".

Jacques Lacan

Ao que não podemos chegar voando, temos que chegar manquejando (...)
citação de Freud - versão feita por Rückert de um dos Magâmat de Al Hariri.

A falta de palavras, a impossibilidade de atingir a verdade como uma totalidade, nos deixa mais tranquilos e por isto que continuaremos manquejando.

CAPÍTULO 3

MASOQUISMO E PULSÃO DE MORTE

O conto que prossegue é uma introdução para nosso assunto; é uma maneira de começar.

"El escorpión pide a la rana hacerle franquear un río, y la rana responde; "No, pues si te subo en mi es palda me picarás". A lo que el escorpión respondió; "Ni loco, si te pico me ahogo". La rana dice: "El índice de realidad ha jugado". A lo cual el responde: "Bien de acuerdo". Atraviesam el río y en el medio, el escorpión pica a la rana. Esta le dice Que és lo que pasa? Y el escorpión le dice: Lo sabia, pero no pude evitarlo". (7)

Temas que são introduzidos nessa pequena história são diversos. A coincidência entre o prazer e a autodestruição é uma das questões que será levantada em termos do prazer no desprazer, paradoxo que tenta ser explicado por Freud. A origem do masoquismo; sua ligação com o sadismo e a pulsão de morte.

O vocabulário de psicanálise diz que o masoquismo é derivado da palavra Sacher Masoch e aparece sempre acompanhado por seu par antético, o sadismo. É definido pelos sociólogos, como uma perversão sexual na qual a satisfação está ligada ao sofrimento experimentado pelo sujeito. Freud amplia essa definição relacionando-o à vida sexual em geral e à vida sexual infantil, existindo outras formas de masoquismo por exemplo, o

masoquismo moral. Na obra freudiana se afirmam duas idéias; a primeira é que o par sadomasoquista não pode ser estudado separando um do outro, ou seja, em forma independente. E a segunda é que o par sadomasoquista vai além do campo das perversões, já que a atividade e a passividade são características essenciais dos mesmos e também constituídas da sexualidade.

A primeira teoria sobre o masoquismo é apresentada no texto de 1915 "As pulsões e suas vicissitudes" (TRIEB UND TRIEBSCHICKSALE). O sadismo é primitivo em relação ao masoquismo. O sadismo primitivo é sinônimo de agressão e destruição, sem levar em conta o sofrimento do outro, sem entrar na esfera sexual, ou seja, que é "não sexual". (Observamos aqui uma dificuldade em relação ao uso do termo, pelo fato de não estar relacionado ao sexual).

O sadismo primitivo que volta sobre a própria pessoa é chamado masoquismo.

No destino da pulsão sadomasoquista, Freud distingue três momentos que analizaremos:

1. Sadismo - Violência contra outra pessoa como objeto.

Eu bato em outro. (Voz Ativa)

2. Masoquismo - O objeto é abandonado; é substituído pelo próprio sujeito.

Eu me bato. (Voz Reflexiva)

3. Masochismo propriamente dito - É procurado um objeto (pessoa) para ocupar o lugar de sujeito da ação.

Ele bate em mim. (Voz passiva)

A fase 1 (um) é justamente aquele momento em que o sujeito assume uma posição ativa frente a seu objeto. Já esclarecemos que existe um problema terminológico, porque aqui o sadismo está fora da esfera da sexualidade. Preferiremos utilizar, de agora em diante, o termo sadismo para designar tendências, atividades e fantasias que possuam um prazer sexual e deixaremos nesse lugar o termo agressividade (autoagressão ou heteroagressão). O sadismo, sinônimo de crueldade ou agressão, foi desenvolvido por Freud a partir de uma maturação muscular, chamando-o muitas vezes de pulsão de domínio ou poder. Jean Laplanche propõe esse tipo de discriminação terminológica, proposta que achamos válida. Quando Freud diz no texto "uma criança sádica" deverá ser entendido como "uma criança agressiva".

A fase 2 (dois) é aquela em que o objeto anterior é substituído pela própria pessoa. O objeto se perde e toma-se o sujeito por objeto. Consideramos o masochismo como primário em relação a esfera sexual.

Segundo Laplanche, podemos utilizar a teoria do "APOIO" como um esquema para compreender o masochismo. Os aspectos fundamentais dessa teoria são:

- a. a gênese marginal da sexualidade e,
- b. a gênese da sexualidade no tempo de volta sobre si mesmo.

O apoio das pulsões sexuais se dá sobre as atividades não sexuais que produzem a passagem do prazer da função ao prazer do órgão.

Qualquer atividade intensa e importante durante a esfera pode ser a causa de um efeito marginal (excesso), que resulta na excitação sexual.

A atividade sexual só aparece no momento em que a função vital, ou atividade não sexual, se separa de seu objeto natural. Daí que o momento constitutivo da sexualidade seja o tempo reflexivo (a volta sobre si mesma), onde o objeto é substituído por um fantasma.

A relação entre dor e prazer é a passagem à esfera sexual, sendo que a dor é um processo que aporta sensações intensas capazes de provocar uma excitação sexual; essa pode ser a base sobre a qual se estrutura o masoquismo propriamente dito.

A fase 3 (três) é justamente o masoquismo propriamente dito, ou seja, o masoquismo perverso.

Freud diz:

"Transformado o sadismo em masoquismo, as sensações dolorosas, como todas as do desprazer, se relacionam à excitação sexual. Sentir dor é um fim masoquista e pode surgir o fim sádico de ocasionar dor, e dessa dor goza também aquele sujeito ativo".

A partir do masoquismo pode-se resignificar o sadismo primitivo (regressão) permitindo que a pessoa sádica goze através da identificação com aquele que sofre. Esse sadismo seria o propriamente dito ou perverso.

Em 1924, nove anos depois, Freud tinha postulado a pulsão de morte e isto facilitava o questionamento do problema do masoquismo. O paradoxo do masoquismo (prazer na dor ou no desprazer) é levantado no "Problema econômico do masoquismo". Perguntas tais como: O que acontece com o Princípio do prazer e a tese do aumento e diminuição de tensão?

Para explicar o funcionamento psíquico não é suficiente, diz Freud, falar de quantidade; provavelmente a qualidade deve ser considerada. A qualidade que pode se relacionar com o ritmo, com o tempo. Os três Princípios de funcionamento, Princípio do Prazer, que representa as aspirações do libido; Princípio de Realidade, que corresponde a influência do mundo externo; e o Princípio de Nirvana (nome dado por Barbara Low), que expressa a tendência da morte, coexistem dentro da vida psíquica, considerando o primeiro como guardião da vida e o último como o princípio prioritário. O princípio do Prazer, guardião da vida, é as vezes posto fora de ação entrando em cena o princípio ligado à pulsão de morte.

... "Ni siquiera se tiene certeza de que la introducción de la pulsión de la muerte, en lugar de dilucidar las dificultades del masoquismo, no contribuya por el contrario a duplicarlas" ... (8)

A segunda teoria sobre o masoquismo diz que este é primário em relação a seu par antitético, o sadismo, invertendo a teoria anterior. Segundo o desenvolvimento que fizemos a partir das colaborações de Jean Laplanche, existiria um enlace entre a primeira teoria e a segunda, já que nas duas aparecerá o masoquismo como primário em relação "ao sexual".

Três formas de masoquismo são propostas: a primeira, o masoquismo erógeno, a segunda o masoquismo feminino e a terceira o masoquismo moral. Só desenvolveremos o primeiro e o último para nosso estudo.

O masoquismo erógeno é condicionante ou condição da excitação sexual. Para explicar essa relação, Freud cita seu artigo dos "Três ensaios" (1905) onde fala sobre as fontes da sexualidade. . . . "no caso de um grande número de processos internos a excitação sexual surge como um efeito concomitante, tão logo a intensidade desses processos passe além de certos limites quantitativos..." De fato, bem pode acontecer que nada de considerável importância ocorra no organismo sem contribuir com algum componente para a excitação do instinto sexual.

De acordo com isso, a excitação do sofrimento e desprazer estaria fadada a ter também o mesmo resultado.

O excesso do quantitativo se inscreve como excitação sexual. É por isto que um excesso de desprazer pode ocasionar na infância uma excitação sexual.

Pode-se produzir a partir daí uma soldadura dor-excitação sexual - obtenção de prazer na dor. Freud diz que essas situações forneceria a possibilidade para se estruturar o masoquismo erógeno.

Para explicar a origem do masoquismo, não é suficiente a teoria do apoio e sua relação com a sexualidade. Freud utiliza a grande divisão das pulsões para entender melhor essa problemática.

A Pulsão de Morte tende a levar o organismo a um estado inorgânico, de estabilidade (já que nos organismos vivos a estabi-

lidade é relativa). A libido entra em funcionamento para fazer essa pulsão inofensiva. A pulsão de morte mediatizada pela pulsão de vida possui três caminhos.

1. Orientando-se ao mundo externo (com a ajuda do sistema muscular) tomando o nome de pulsão de destruição, de poder, de domínio.
2. Coloca-se ao serviço da pulsão sexual; seria o sadismo propriamente dito.
3. Sobrevive no organismo, fixada libidualmente com a ajuda da co-excitação, mencionada, ou seja, o masoquismo erógeno (prazer na dor).

Nem a pulsão de morte nem a de vida aparecem no sujeito em estado puro, sempre estão combinadas, podendo separar-se em algumas circunstâncias.

Após ser transposta para fora uma parte da pulsão de morte, outra fica como um resto ou em resíduo, que é o masoquismo erógeno, cujo objeto é o próprio indivíduo. Este é prova da soldadura entre a Pulsão de vida e morte.

Resto, resíduo, diferença, excesso, são termos que nos indicam, em termos econômicos, uma relação com o trauma, com a natureza traumática da sexualidade, com o masoquismo e fundamentalmente com a compulsão à repetição sobre aquilo que está fora das palavras, não consegue ser nomeado, mas ao mesmo tempo possibilita a existência de palavras.

O masoquismo erógeno condicionante da excitação sexual, frase que poderia ser invertida; a excitação sexual tem como condicionante o masoquismo erógeno. Essa inversão nos faz pensar que a sexualidade tem uma inscrição masoquista, ou seja, sexualidade e morte se encontram totalmente aparentadas. Não sabemos se estamos indo muito longe, mas acreditamos que jogar com as idéias é um bom exercício para nosso objetivo. A pulsão de morte fica dentro do indivíduo ligada à libido; essa ligação leva, evidentemente, a uma amalgama que não será uma mera soma, senão uma reinscrição que pode ser que reafirme nossa colocação anterior.

O masoquismo secundário (perverso), que Freud postula, é o resultado do retorno sobre a própria pessoa do sadismo que estava dirigido ao exterior, que se articula com o masoquismo erógeno primitivo.

O masoquismo erógeno primitivo, posição que pensamos como básica em todo ser humano, passa por todas as fases evolutivas da libido e toma diferentes características psicológicas, como por exemplo:

- o medo de ser comido pelo animal totêmico (o pai) na fase oral;
- o desejo de ser maltratado pelo pai da fase sádico-anal e as fantasias masoquistas da castração.

Todas as fantasias mencionadas por Freud têm uma coincidência; o pai, seja morto, castigador ou castrador. O masoquismo erógeno está ligado à produção destas fantasias. Esse processo de ligação só é possível de se pensar dentro de uma estrutura onde existe um outro, em relação ao qual são

construídas as fantasias. Esse outro não é qualquer um, senão o Pai, que segundo Jacques Lacan é o agente da castração, que impõe uma lei, a proibição do incesto, que se traduz na entrada do sujeito na cultura, ou seja, o acesso ao simbólico. Vemos aqui um eixo que articula a pulsão de morte (masoquismo) com o simbólico.

O masoquismo moral resulta também num exemplo da existência da fusão das pulsões de vida e morte. Aparentemente este mostra uma relação menos estreita com a sexualidade, pelo fato de que não interessa quem é o sujeito que castiga; pode ser qualquer um. Esta idéia está incompleta, porém resultará em outra hipótese.

Freud diz que a pulsão sádica volta do exterior se orientando para o interior, contra o próprio ego.

O sentimento inconsciente de culpabilidade, que se traduz numa necessidade de castigo por parte de uma instância psíquica, produz, durante o tratamento analítico, a reação terapêutica negativa, atuando contra a influência benéfica do mesmo. A satisfação da necessidade de castigo (culpabilidade inconsciente) é um dos benefícios secundários das doenças; é por esta razão que é tão difícil lidar com esse sentimento.

O conflito produzido é compreendido através da luta estabelecida entre as diferentes instâncias psíquicas (no caso Ego e Superego).

O lugar da consciência moral é adscrito ao superego e o sentimento de culpabilidade se deve a uma diferença entre o ego e o superego.

O ego reage com angústia, frente as exigências do su

perego, as quais nunca consegue respeitar.

Também acrescenta que o ego sente medo ao perceber diferenças com o ideal.

O superego é representante do Id e do mundo externo. Sua origem é a partir da introjeção no ego dos primeiros objetos dessexualizados (pai e mãe), processo através do qual foram desviados dos fins sexuais diretos.

O superego conserva os caracteres dessas figuras introjetadas que são revestidas de poder, rigor e castigo. A separação das pulsões provocadas pela sua introdução no ego intensifica seu rigor. A partir disso ele pode se mostrar cruel, duro e contra o ego.

O superego é o herdeiro do complexo de Édipo e este, historicamente falando, (como é definido em Totém e Tabú) é a fonte da moral individual. No superego existem outras figuras como o destino, ou Deus, que são revestidas de qualidades poderosas tais como foram os pais na infância.

O problema da "supermoralidade" se apresenta nas pessoas que padecem desse sentimento inconsciente de culpabilidade. Essa moralidade é inconsciente.

A moralidade inconsciente está ligada ao sadismo intensificado do superego, que submete ao ego e o castigo. Por outro lado, o masoquismo moral do ego procura também ser castigado para ser satisfeito.

- a. Moralidade --- o sadismo do superego
- b. Masoquismo moral --- masoquismo do ego

O masoquismo moral é geralmente inconsciente; ele é deduzido a partir de observação de conduta das pessoas.

Temos dito que o superego é produto da introjeção das figuras parentais dessexualizadas e o herdeiro do Complexo de Édipo. O masoquismo moral ressexualiza essas figuras e a moral. Por causa do masoquismo moral se pode perder a consciência moral. Ele cria a tentação de cometer "faltas" (que podem atingir até sua própria destruição) para depois satisfazer a necessidade de castigo.

(O Ego goza porque o Superego castiga).

A supressão cultural das pulsões de destruição faz com que elas retornem para o interior do aparelho psíquico, intensificando o sadismo do superego que se complementa com o masoquismo do ego. Quanto mais suprimidas sejam as pulsões, mais rígida será a consciência moral e mais intenso o sentimento de culpabilidade.

A consciência moral é produzida pela renúncia de satisfazer as pulsões que impõe a cultural.

Essa renúncia imposta às pulsões, será discutida no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

AS PULSÕES, O EGO, O SUPEREGO E O ID

Qual é a relação existente entre os lugares (Ego - Id - Superego) e as pulsões?

O artigo que guiará este escrito é o "Ego e o Id", do ano 1923, capítulos IV e V.

Os seres míticos Eros e Tânatos atuam nos diferentes territórios geográficos propostos por Freud para descrever o aparelho psíquico. O Eros se caracteriza por ser mais conspícuo e acessível ao estudo, abrangendo as pulsões sexuais desinibidas, as pulsões sexuais inibidas ou sublimadas e as pulsões autopreservativas. Por outro lado, Tânatos tem seu melhor representante no sadismo, onde ele se volta para o mundo externo.

Nem Eros nem Tânatos são conceitos biológicos pela sua definição em si.

Sabemos também que Freud se apoia na biologia para apresentar a hipótese da Pulsão de Morte. Precisa da base da biologia para dar nascimento a um conceito que está fora desse campo. Isto gera uma contradição difícil de ser resolvida.

Transcreveremos algumas das idéias esboçadas nos capítulos citados.

A vida, segundo Freud, é produto do conflito de ambas pulsões; daí seu ritmo vacilante.

As pulsões são conservadores no sentido mais estrito; já que ambas (Eros e Morte) estão se esforçando para reestabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O objetivo e o propósito da vida é respondido por Freud de maneira dualista. Dualismo que nos remete à conflito, a um dinamismo.

Para entender o conflito e a relação entre os dois grupos de pulsões aparece a hipótese da fusão e desfusão das pulsões.

A pulsão de morte, que também é chamada pulsão de destruição, pode ser em parte desviada para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial é a musculatura.

Podemos pensar que existe outro órgão capaz de manifestar essa pulsão.

Não será só a musculatura, mas também a fala, que poderá dar vias de expressão ao Tánatos. O campo da palavra e o campo da pulsão de morte será discutido mais adiante.

O sadismo perverso é um exemplo da desfusão das pulsões. A regressão da libido inclui uma desfusão pulsional, e a passagem de uma fase a outra nova está condicionada a um acréscimo de componentes eróticos, ou seja, a uma fusão.

A pulsão possui três caminhos; o primeiro é a fusão com as pulsões libidinais que as torna inócuos. A segunda é ser desviados ao mundo externo, em forma de agressividade, e a terceira é continuar seu trabalho em silêncio internamente.

A hipótese de uma energia que se desloca dessexualizada ou neutra é criada para explicar as situações em que se deslocam as catexias dentro do aparelho psíquico. Essa energia procede do depósito narcísico da libido e está a serviço do Princípio do Prazer para neutralizar os bloqueios e facilitar a descarga. O prioritário nesse processo é a descarga de energia; não interessa nem o caminho que percorre nem o objeto escolhido. Tanto os caminhos como os objetos são possíveis de ser substituídos. Essa energia pode ser considerada como energia sublimada, pois ela retém a finalidade de unir e ligar que é própria do Eros.

O Ego é formado pelas identificações que tomam o lugar das catexias abandonadas. As funções do ego são as seguintes:

- introduzir a ordem temporal aos processos mentais e submetê-los ao "Teste de realidade";
- controlar o acesso à motilidade;
- assegurar um adiamento das descargas motoras através do pensamento;
- através de sua mediação produzir a sublimação.

Freud dá duas concepções para explicar a origem do ego: a libido e sua relação com os objetos.

No "Ego e o Id" Freud diz:

"Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetivas e róticas, em consequência, o ego, agora tornado

forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impôr-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é secundário, que foi retirado dos objetos".

No "Esboço de Psicanálise", Freud diz que toda a libido é armazenada no ego, estado que se chamaria de "narcisismo primário", que perdura até começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido.

Ambas concepções têm suas divergências, podendo ambas ocorrer. Freud silencia sobre o assunto, deixando as duas possibilidades em aberto.

O Ego passa da percepção das pulsões para o controle das mesmas, da obediência a elas para a inibição delas. Acreditamos que este processo nem sempre possa ser realizado. O ego fica muitas vezes impotente frente as exigências do id de satisfazer suas pulsões e as punições do superego. O ego não é imparcial para com as duas classes de pulsões. Mediante seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda as pulsões de morte que se encontram no id a obterem controle sobre a libido, mas assim procedendo, corre o risco de ser morto. É por isto que acumula libido dentro dele, tornando-se o representante do Eros, querendo ser amado pelo superego que é representante das figuras parentais.

No processo da sublimação se produz uma des fusão das pulsões, com a conseguinte liberação da pulsão de morte que se atrincherou no superego, lutando contra o ego.

O superego é produto das primeiras identificações e, consiste numa parte diferenciada do ego. Essas identificações

são realizadas quando o ego é ainda fraco. Ele é o herdeiro do Complexo de Édipo, que introduz os objetos mais significativos. O superego conservará, ao longo de toda a vida do sujeito, o caráter ditatorial por derivar do complexo paterno, e a capacidade de manter-se a parte do ego e dominá-lo.

É a repetição do passado que remete à uma situação de fraqueza e dependência do ego, na qual este era dominado.

O Ego é dominado pelo superego assim como a criança é dominado pelos pais.

O Ego se submete ao imperativo categórico do seu superego, cuja característica é a supermoralidade.

As identificações produzidas pelo abandono das primeiras catexias objetais são dessexualizadas. Essa dessexualização ocasiona uma desfusão entre as pulsões eróticas e as de morte, liberando estas últimas.

As pulsões de morte ficam no superego, outorgando-lhe as características de crueldade e rigor. Este se dirige punindo o ego cada vez que acha necessário.

Vimos que as pulsões de morte têm um segundo caminho para se manifestar; este é o mundo externo, em forma de agressividade.

Perante a supressão da agressividade exterior, ela se dirige ao interior aumentando a crueldade do superego em relação a seu ego.

Tendo em conta o descrito anteriormente, o superego é o lugar onde se dá uma pura cultura da pulsão de morte.

O id é o território onde lutam o Eros e a pulsão de morte.

Finalizando o capítulo V, Freud coloca o seguinte parágrafo a respeito do id:

... "seria possível representar o id como se achando sob o domínio dos silenciosos, mas poderosos, instintos de morte que desejam ficar em paz (incitados pelo Princípio do Prazer) fazer repousar Eros, promotor de desordem, mas talvez isso seja desvalorizar o papel desempenhado por Eros"...

Observamos que através desses dois capítulos citados (IV e V), a pulsão de morte cobra uma grande importância, quase em detrimento do Eros. Pensamos que o ênfase tem como objetivo dar a pulsão de morte uma confirmação de sua existência.

A "reação terapêutica negativa" é um sintoma que chama a atenção de Freud para conceituar o sentimento inconsciente de culpabilidade. Culpa que remete a uma falta que, não necessariamente, precisa ter sido cometida. Não existem segredos entre o superego e o ego. Freud diz que o paciente não sente culpa, se sente doente. A punição é a doença.

Temos concluído que toda sublimação implica uma defusão com a conseguinte liberação de pulsão de morte. Existe uma íntima relação entre essa sublimação e o processo de pensamento que se dá no ego.

Tanto o ego como o superego tem sua origem nas palavras ouvidas e, é justamente por via das representações verbais que eles permanecem acessíveis ao tratamento psicanalítico.

O ego no processo de pensamento julga a existência e as atribuições das coisas. Nesse julgamento ele pode integrar essas coisas (palavras) a si mesmo ou pode expelí-las, sempre de acordo com o Princípio do Prazer.

Integração - expulsão é a polaridade que parece, segundo Freud, corresponder à oposição das pulsões de vida e morte.

A afirmação "SIM" pode significar a integração, ou seja, a união, característica das pulsões de vida.

A negação "NÃO" pode ser considerada como um sucedâneo da expulsão e pertence à pulsão de morte.

Achamos interessante a correlação realizada entre os significantes "SIM" e "NÃO" e as pulsões.

O "NÃO" diz que está fora, mas na verdade, a coisa está dentro. É um estar na negativa. É assim que o reconhecimento do inconsciente, por parte do ego, se dará numa fórmula negativa.

Voltaremos sobre esta questão mais adiante.

CAPÍTULO V

A CIVILIZAÇÃO E A PULSÃO DE MORTE

No ano de 1929, Freud escreve o texto sobre o Mal-Estar na Civilização, depois da elaboração da segunda tópica e de ter levado a um primeiro plano a noção problemática da pulsão de morte.

Segundo Jacques Lacan, esse texto é uma obra absolutamente essencial, primeira na compreensão do pensamento freudiano na somatória de sua experiência.

..."Debemos darle toda su importancia; todo su peso; esclarece, acentúa, disipa las ambigüidades sobre puntos interamente distintos de la experiencia analitica y de lo que debe ser nuestra posición con respecto al hombre en tanto hombre; a una demanda humana de siempre con lo que nosotros tratamos cotidianamente en nuestra experiencia".

Através da leitura do mesmo encontramos a posição de Freud a respeito do homem e sobre a experiência moral.

A felicidade é a finalidade de cada indivíduo que forma parte da sociedade. Essa felicidade consiste em evitar a dor e o desprazer e experimentar intensas sensações de prazer. O Princípio do Prazer é aquele que dirige as operações do aparelho psíquico, mas se encontra em contradição com o mundo inteiro. É um programa irrealizável, já que é quase im

possível a satisfação das pulsões de forma imediata; sempre são adiadas , produzindo um aumento de tensão.

O desígnio de ser felizes, que impõe o Princípio do Prazer, é irrealizável, mas não é por isto que são abandonados os esforços para se aproximar, de algum modo, da realização.

Freud descreve três fontes de sofrimento humano, que são a superioridade da natureza, a caducidade do corpo e a insuficiência para regular as relações humanas.

A civilização impõe ao ser humano uma série de normas e leis para realizar sua satisfação, implicando, muitas vezes, na necessidade de reorientar os fins pulsionais para ilu-dir as frustrações do mundo exterior. Esse último mecanismo é chamado sublimação

A definição de Cultura que Freud coloca no artigo é a seguinte:

"Cultura" denomina a soma das produções e instituições que diferenciam a vida dos humanos da vida dos animais e que servem para proteger o homem da natureza e reger as relações dos homens entre si.

Assim como são estabelecidas leis, são também estabelecidos os castigos, em caso de não cumprimento das mesmas.

A origem da civilização é explicado através do mito, "a morte do pai". Esse fato marca a entrada de uma falta cometida, muito escura, que nos indica a presença da destruição da morte no homem.

Como se articula a noção de pulsão de morte com a civilização? A pulsão deve ser mediatizada de qualquer maneira , já que sua manifestação vai contra os princípios sociais de con

vivência dos seres humanos.

A civilização é conceituada como sendo a obra de Eros. Mas por outro lado, sabemos que Eros e Morte comportem a dominação do mundo, sendo inegável a existência de uma disposição inata e autônoma do ser humano.

O segundo caminho proposto por Freud para a pulsão de morte, que consiste na volta para o mundo exterior em forma de agressão e destruição, é um dos maiores obstáculos com que tropeça a civilização.

É necessário criar no interior do aparelho psíquico uma instância que domine essa agressividade. Como se dá esse processo?

Freud descreve o superego como um destacamento militar numa cidade conquistada.

O mal é originalmente aquilo que pode significar a perda do amor das pessoas das quais a criança depende. Com essa perda de amor perde também sua proteção frente aos perigos e fica exposto aos castigos do próximo.

Freud diz que não importa se o mal é realizado ou se é só um propósito; o importante é que a autoridade não o descubra.

O superego representa a autoridade interna ligada, do qual nada pode ser escondido.

A internalização da autoridade implica numa grande mudança.

Frente ao medo de autoridade externa, é suficiente a renúncia da satisfação, mas frente ao temor do superego não basta, porque o desejo permanece e este não pode ser escondi-

do dele.

A renúncia pulsional já não tem o efeito desejado; a virtude da abstinência não é recompensada com a segurança de conservar o amor do superego.

As primeiras renúncias constituem a consciência moral, função adscrita ao superego e estas exigem outras renúncias que tornaram-no mais exigente. Toda agressão suprimida se internaliza atrincherando-se no superego.

No capítulo anterior esclarecemos o tipo de relação que estabelecia o superego com seu ego. Este último deseja ser amado por seu superego, tentando obedecê-lo; mas nem sempre consegue, já que o id também o pressiona para satisfazer suas pulsões.

O superego muito rígido produz como consequência um aumento de tentação para satisfação dos desejos. (Exemplo desta situação são os santos, cujo ego não fica tranquilo).

O sentimento de culpabilidade se cria a partir da diferença entre o ego e o superego e se manifesta como uma necessidade de castigo.

A tese da gênese da consciência moral que Freud desenvolve se acha em aparente contradição com a idéia de que a agressividade original da consciência moral é uma continuação da severidade com que atua a autoridade exterior. Esta diferença da origem e posterior entrada de agressividade é resolvida a partir da "agressão vingativa", que foi reprimida por parte da criança em relação às figuras parentais.

Através da identificação com a autoridade inacessível, o superego se apropria de toda essa agressividade que a

criança experimentou contra essa figura.

A relação entre o superego e o ego é o retorno, deformado pelo desejo, das antigas relações entre o ego (fraco) e seus objetos. A diferença está em que a primitiva severidade do superego não é do objeto mas sim a própria agressividade contra o objeto. Concluindo, a consciência moral se formou primitivamente, pela supressão de uma agressão.

O sentimento de culpabilidade não está referido a nenhum ato em si. Ele se relaciona ao mito do "assassinato do pai", intenção ou desejo que se renova para cada geração.

Freud se pergunta qual foi a condição prévia a esse fato. A resposta, a encontramos na problemática da ambivalência. A morte do pai satisfaz o ódio, mas o pai também era amado. A partir daí surge remorso, consequência do amor. Aparece o superego por identificação com o pai, dando-lhe seu poderio, como se quisesse castigar a agressão sofrida, estabelecendo normas para evitar a repetição do assassinato.

O amor ao pai participa na gênese da consciência e gera, inevitavelmente, o sentimento de culpabilidade.

Não interessa a realização ou não do fato; sempre aparece a culpa que é a clara expressão da luta eterna entre o Eros e a Pulsão de Morte.

A civilização está ligada indissoluvelmente a uma exaltação do sentimento de culpabilidade, já que esta obriga a não aceitar, com tranquilidade, a própria agressão, por ir contra a possibilidade de união entre os seres humanos. Deve suprimir esta agressão, supressão que aumenta a crueldade do superego e a culpa inconsciente.

Logicamente, o aumento da culpa resulta na perda de felicidade.

O preceito "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" é a rejeição mais violenta da agressividade humana, que possui em si a impossibilidade de ser realizada. Frente à intensidade da agressão se propõe um amor imenso.

A consciência moral se opõe fundamentalmente ao prazer. O prazer se apresenta como inalcançável, inatingível.

Concluimos que o Princípio do Prazer, na sua impossibilidade de satisfação, faz surgir algo mais além que governa o conjunto da relação do homem com o mundo. Essa lei, que transcende toda lei, que pode colocar-se como uma estrutura última, é chamada de Pulsão de morte.

CAPÍTULO VI

A PALAVRA E A PULSÃO DE MORTE

Temos realizado algumas referências ao tema nos outros capítulos. Nesse escrito nossa intenção é articular as palavras, especificamente os significantes e a Pulsão de Morte.

O nascimento do ser humano coincide com a entrada no universo simbólico, assim como também com a morte da natureza pura. A partir desse salto ou golpe dado pelo significante, é impossível encontrar a natureza em si, a coisa em si. Tudo será um nome para ser chamado.

Falamos sobre o "assassinato do pai" e, agora, introduzimos o "assassinato da coisa"; isto quer dizer que o símbolo se manifesta assassinando a coisa e constitui no sujeito a eternização e humanização de seu desejo, que nunca será satisfeito.

Lacan diz no seu escrito "Función y Campo de la Palabra"

..."Por eso cuando queremos alcanzar en el sujeto lo que hay antes de los juegos seriales de la palabra, y lo que es primordial para el nacimiento de los simbolos, lo encontramos en la muerte, de donde su existencia toma todo el sentido que tiene".

Fora da palavra está o Real, impossível de ser apreendido, mas indispensável para o mundo simbólico.

As coisas do mundo humano são coisas de um universo estruturado em palavras. Aquilo que fica fora das palavras é inarticulável.

Consideramos a noção de pulsão de morte como não biológica, mas caímos numa armadilha já que é Freud quem se baseia na mesma biologia para postulá-la.

Poderíamos abordar o assunto seguindo esse embasamento, mas achamos interessante a visão de Jacques Lacan a respeito. Ele propõe abordar a questão através de suas ressonâncias poéticas. Retoma três momentos na obra freudiana. O primeiro se refere ao encontro de Sigmund Freud com sua vocação médica através do Hino à Natureza de Goethe.

O segundo é a citação do livro "O Convite", de Platão, em que Sócrates fala sobre o nascimento dos sexos. Os sexos, que se originam com a divisão e separação de um ser único, completo. A morte desse ser propicia a aparição de dois. O originário era um, e a tentativa dos dois sexos será voltar a essa unidade, que é inatingível.

O terceiro é a teoria do filósofo grego Empedócles' de Agriento, citado no artigo "Análise terminável ou interminável", que postula a existência de dois princípios universais que governam a vida do universo e da mente, chamados Amor e Luta ou Discórdia.

Essas ressonâncias poéticas são retomadas como produções culturais que falam sobre a origem e a problemática do sujeito.

A poesia com uma articulação de significantes é uma via régia para tentar mostrar a relação que une a pulsão de morte com a palavra.

Tanto o Hino à Natureza, como os dois princípios universais de Empedócles, como o mito de Platão, nos remetem a uma luta entre a vida e a morte da natureza e do sujeito.

O mito de Platão, diz Lacan, só pode ser compreendido na subjetividade do homem moderno, elevando-o à negatividade do julgamento em que se inscreve.

A pulsão de morte expressa essencialmente o limite da função histórica do sujeito. Esse limite é a morte que acompanha cada ato humano como uma possibilidade absolutamente própria, incondicional, segura e indeterminada pelo sujeito. Sujeito que é definido por sua história. O automatismo de repetição traz o passado ao presente de forma invertida, quebrando, de alguma maneira, aquela seqüência passado-presente-futuro. O limite, que está em cada ato humano, é o que lhe dá sentido.

O primeiro símbolo do passado é a sepultura e, é a partir desse símbolo que se dá um sentido à humanidade. Por outro lado, com o assassinato da coisa em si, se abre a possibilidade a uma vida que perdura que se transmite sem se perder na tradição de sujeito a sujeito.

O sentido mortal revela na palavra um centro exterior à linguagem, que não é possível de representar numa dimensão plana. Lacan propõe a utilização de elementos da topologia. Para esquematizar a exterioridade periférica e a exterioridade central, que constituirão uma única região, é usada a

figura do "TORO" que possui essas características por ser tridimensional.

A topologia é usada porque permite instituir uma relação com o Real, real que está relacionado com a pulsão de morte.

Jean Laplanche fala da imanência da pulsão de morte no discurso; é inseparável, está contido, mas nem dentro nem fora.

A pulsão de morte pode ser pensada através do eixo 'presença-ausência'. Ela está presente na sua ausência.

A experiência psicanalítica reencontrou no homem o imperativo da palavra como a lei que a formou à sua imagem. Sendo assim, nada pode ser pensado antes das palavras e toda a realidade dos efeitos reside na palavra.

Os objetos são sempre reencontrados nos significantes. O objeto real, a coisa, foi perdido para sempre na morte, assim como o ser originário de Platão.

O Princípio do Prazer levará o sujeito de significante em significantes, tantos quantos forem necessários para manter mais baixo o nível de tensão que regula todo o funcionamento do aparelho psíquico. Tudo o que se busca estará nas vias do significante. Essa procura é interminável, porque nunca será encontrado a não ser na morte.

CONCLUSÃO

Ao longo do estudo feito, pensamos que a pulsão de morte não pode ser considerada só como uma noção biológica. Ainda que exista seu correlato a nível do organismo, não é de nosso interesse por escapar do campo da psicanálise.

A pulsão de morte nos introduz na dialética permanente, onde o sujeito está ancorado.

A pulsão de morte é impossível de ser articulada na cadeia dos significantes; mas é condição para a mesma.

Seu silêncio é a forma mais presente de habitar a história do ser humano. A pulsão de morte está fora das palavras, mas também dentro.

O trauma demonstra um limite do próprio aparelho, a impossibilidade de simbolizar uma determinada situação que deixa fora de ação o Princípio do Prazer.

A pulsão de morte, exterior à linguagem, remete ao registro do real que é indispensável para o surgimento do simbólico.

Consideramos a pulsão de morte um conceito extremamente contraditório, que dá uma pontuação à obra freudiana que amplia o sentido de várias questões.

Observamos como a introdução do termo influi no masoquismo e no sadismo e, como conceitos, tais como o ódio,

passam a encaixar dentro da grande divisão das pulsões.

Pensamos que só a partir da lei das palavras pode ser concebido a pulsão de morte dentro do campo de psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Jacques Lacan: "Desmontagem da Pulsão"
Seminário 11 - "Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise".
- 2 - Jacques Lacan: "Desmontagem da Pulsão"
Seminário 11
- 3 - Jacques Lacan: "O Seminário" Livro 11
"Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise".
- 4 - Sigmund Freud: "As pulsões e suas Vicissitudes" , 1915
Obras Completas.
- 5 - Jean Laplanche: "Vida y Muerte en Psicoanálisis".
- 6 - Jacques Lacan: "O Seminário" Livro 11

7 - Conto extraído do Seminário "La Etica" de Jacques Lacan.

8 - Jean Laplanche - "Vida y muerte en Psicoanálisis".

BIBLIOGRAFIA

- 1 - FREUD, SIGMUND: Proyecto de una psicología para Neurologos. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1895. Tomo I.
- 2 - _____ : Tres Ensayos para una teoría sexual. Obras Completas. Biblioteca Nueva, 1905. Tomo II.
- 3 - _____ : Los dos principios del funcionamiento psíquico. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1911. Tomo II.
- 4 - _____ : Los instintos y sus destinos. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1915. Tomo II.
- 5 - _____ : Introducción al Narcisismo. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1915. Tomo II.
- 6 - _____ : Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1919. Tomo III.

- 7 - FREUD, SIGMUND: Varios tipos de caracter descubiertos en la labor analitica. Obras Completas. Biblioteca Nueva. Tomo III.
- 8 - ————— : "Lo Siniestro". Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1919. Tomo III.
- 9 - ————— : Más allá del Principio del Placer. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1920. Tomo III.
- 10 - ————— : Introducción al Simposio sobre neurosis de guerra. Obras Completas. Biblioteca Nueva. Tomo III.
- 11 - ————— : El Ello y el Yo. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1923. Tomo III.
- 12 - ————— : El Proyecto economico del masoquismo. 1925. Tomo III.
- 13 - ————— : Autobiografia. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1924. Tomo III.

- 14 - FREUD, SIGMUND : Inibição, Sintoma y angustia. Obras Com-
pletas. Biblioteca Nueva. Tomo III.
- 15 - _____ : La Negación. Obras Completas. Bibliote-
ca Nueva. Tomo III.
- 16 - _____ : El malestar en la cultura. Obras Comple-
tas. Biblioteca Nueva. Tomo III.
- 17 - _____ : Nuevas lecciones introductorias al psico-
análisis. Conf. XXXII. La Angustia y la vida instin-
tiva. Obras Completas. Biblioteca Nueva. 1933. To-
mo III.
- 18 - LACAN, JACQUES : Función y campo de la palabra y del len-
guaje en el psicoanálisis. Lectura estructuralista de
Freud. Ed. Siglo XXI. 1953.
- 19 - _____ : A carta roubada. Escritos 19.
- 20 - _____ : O Seminario. Libro 11. Os quatro con-
ceitos fundamentais da psicanalise. Cap. IV, V, X,
XIV, XIII.

- 21 - LACAN, JACQUES : La instancia de la letra en el inconsciente. Lectura Estructuralista de Freud. Ed. Sigla XXI.
- 22 - _____ : La Ética. Seminário (Versão não revisada).
- 23 - LAPLANCHE, JEAN: Vida y muerte en el psicoanálisis. Ed. Amorrorte Bs As.
- 24 - LAPLANCHE, PONTALIS : Vocabulario de Psicoanálisis.
- 24 - MULLER, JACQUES ALAIN : Cinco conferencias caraqueñas sobre Lacan. Ed. Analítica. Caracas. 1980.
- 25 - SAWIKE, OSCAR : "Las Pulsiones". Artigo de Notas de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- 26 - MASSOTTA, OSCAR : El Modelo Pulsional.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Esther Frankel

Esther Frankel (orientador)

Carlos Paes de Barros

Carlos Paes de Barros
PUC/RJ - Depto. Psicologia

Angela Podkameni

Angela Podkameni
PUC/RJ - Depto. Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro,

Vera Maria Ferraz Candau

Vera Maria Ferraz Candau
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação de Centro de Teologia e Ciências Humanas.-